
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

LETÍCIA DA SILVA AMARAL

**IMPACTOS DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA
APRENDIZAGEM**

Rio Claro - SP

2022



LETÍCIA DA SILVA AMARAL

**IMPACTOS DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA
APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de
Biociências – Câmpus de Rio Claro,
da Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, para
obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia.

Orientador: Prof.^a Dr.^a. Débora Cristina Fonseca

Coorientador: Ms. Renice Ribeiro Lopes

Rio Claro - SP
2022

A485i Amaral, Letícia da Silva
 Impactos da Relação Professor-aluno na aprendizagem /
Letícia da Silva Amaral. -- Rio Claro, 2022
 48 p.

 Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de
Biotecnologia, Rio Claro
 Orientadora: Débora Cristina Fonseca
 Coorientadora: Renice Ribeiro Lopes

 1. afetividade. 2. processo de ensino e aprendizagem. 3.
relação professor-aluno. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do
Instituto de Biotecnologia, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LETÍCIA DA SILVA AMARAL

IMPACTOS DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

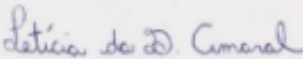
BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a. Débora Cristina Fonseca (orientadora)

Prof. Dr. Abel Gustavo Garay Gonzalez

Prof. Dr. César Donizetti Pereira Leite

Aprovado em: 11 de Janeiro de 2022



Assinatura do discente



Assinatura do(a) orientador(a)



Assinatura do(a) coorientador(a)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus e Nossa Senhora pela minha vida, por me possibilitarem e me derem as forças necessárias, sendo meu amparo, força, refúgio, e descanso em todos os momentos da minha vida.

À minha orientadora, Prof^a Débora, e a minha co-orientadora Renice, por toda a paciência, empenho e dedicação para que este trabalho pudesse ser finalizado da melhor maneira possível.

Aos meus pais, Edilson e Maria Valéria, ao meu esposo Sérgio Jr., às minhas irmãs Thaís e Andressa, à minha falecida sogra Carmem, ao meu sogro Sérgio, e à minha cunhada Larissa, que sempre estiveram dispostos a me auxiliar, sendo minha grande rede de apoio para conciliar os estudos com a maternidade. À minha avó Sônia, por todo o incentivo e apoio.

Agradeço aos meus filhos, Benício e Maria Liz, e ao meu enteado Théo, por serem o motivo da minha inspiração diária.

As minhas companheiras de curso, Bruna, Carol B., Caroline M., Isabela e Valesca, por sempre me incentivarem, me derem força e apoio para não desistir.

RESUMO

Esse trabalho discute questões relativas à afetividade professor-aluno e, como esse relacionamento impacta na aprendizagem. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, em que o objetivo principal buscou compreender e discutir a importância da afetividade na relação professor-aluno e seu impacto na aprendizagem, em uma revisão de literatura. Buscamos também identificar a importância da afetividade nas relações humanas. Descrever o papel do educador no processo de aprendizagem a partir da literatura pesquisada e analisar como relações afetivas positivas entre professor-aluno interferem no processo de aprendizagem. Como procedimento metodológico, foi realizada uma revisão bibliográfica na plataforma Scielo. A organização e análise dos conteúdos foram realizadas conforme a metodologia preconizada por Bardin. Com o levantamento foram selecionados seis artigos, categorizando-os em: “importância da afetividade nas relações humanas”, “papel do educador no processo de aprendizagem” e “como as relações afetivas interferem no processo de aprendizagem”. Pode-se concluir que a afetividade é algo importante que deveria estar presente nas relações humanas do ambiente escolar, pois o afeto é uma ferramenta muito positiva que pode auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Apesar de ser tão importante, muitas das vezes não é visto como algo importante no ambiente escolar.

Palavras-chave: afetividade, processo de ensino e aprendizagem, relação professor-aluno

ABSTRACT

This work discusses issues related to teacher-student affection and how this relationship impacts on learning. A qualitative research was carried out, in which the main objective sought to understand and discuss the importance of affectivity in the teacher-student relationship and its impact on learning, in a literature review. We also seek to identify the importance of affectivity in human relationships. Describe the role of the educator in the learning process based on the researched literature and analyze how positive affective relationships between teacher-students interfere in the learning process. As a methodological procedure, a literature review was carried out on the Scielo platform. The organization and analysis of the contents were carried out according to the methodology recommended by Bardin. Six articles were selected with the survey, categorizing them as: "importance of affectivity in human relationships", "the role of the educator in the learning process" and "how affective relationships interfere in the learning process". It can be concluded that affection is something important that should be present in human relationships in the school environment, as affection is a very positive tool that can help in the teaching-learning process. Despite being so important, it is often not seen as something important in the school environment.

Key words: affection, teaching and learning process, teacher-student relationship

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1 A afetividade na socialização professor-aluno	11
1.2 Afetividade durante o processo de ensino e aprendizagem.....	14
2. OBJETIVOS.....	17
2.1 Objetivo geral.....	17
2.2 Objetivos específicos	17
3. METODOLOGIA	18
4. RESULTADOS	20
5. AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: ALGUNS ACHADOS.....	32
5.1 Afetividade e sua importância nas relações humanas	32
5.2 Papel do educador no processo de ensino e aprendizagem	35
5.3 Relações afetivas e o processo de ensino aprendizagem	37
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

1. INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema da afetividade na relação professor aluno surgiu durante o trabalho que realizo com as diversas turmas e professoras com quem tenho contato diariamente. Cada professora, de acordo com a sua personalidade e forma de enxergar a criança, infância e educação, possui uma forma de trabalhar seus alunos. Independente da faixa etária, as crianças respondem e agem de formas diferentes, variando de acordo com a professora que está se relacionando no momento. Na educação infantil isso fica muito notável nas turmas de período integral quando há a troca de período, ocorrendo também a troca dos professores que estão sendo responsáveis pela turma. Já no ensino fundamental I, a experiência pode ser observada em uma escola particular, quando aconteciam as aulas diversificadas, com diferentes professores. Essas observações trouxeram alguns questionamentos sobre o papel do educador em sala de aula, a importância da afetividade na relação professor-aluno e o quanto ela interfere no comportamento e no desenvolvimento da criança.

É possível observar que a maioria das relações pessoais exercem influência em nossas vidas, principalmente, na infância. Essas influências acabam impactando na forma como iremos enxergar, reagir e receber as atitudes do outro. O mesmo acontece durante o período escolar.

O período escolar é uma fase importante para as introduções sociais do ser humano, podendo trazer a sensação de acolhimento ou incompreensão. Quando falamos sobre esta fase, algumas pessoas trazem memórias de boas lembranças e outras nem tanto. É um momento que marca o indivíduo de forma única e particular. Algumas lembranças deixadas por essas relações podem causar marcas profundas.

Podemos observar a admiração que alunos preservam pelos seus professores, alguns voltam à escola para visitá-los, buscando manter o contato, preservando o vínculo, enquanto outros não dão continuidade a essa relação.

Com isso, surgiu o questionamento: De que maneira a afetividade na relação professor-aluno influencia nos processos de ensino e de aprendizagem?

Nesse sentido, este trabalho pretendeu investigar também qual é o papel do professor como mediador no processo ensino-aprendizagem; e de que forma sua relação com o aluno afeta positivamente no processo da aprendizagem quando se relaciona afetivamente.

Este trabalho teve como metodologia uma pesquisa de revisão bibliográfica, buscando evidenciar os estudos sobre o tema disponibilizados na plataforma Scielo publicados nos últimos 10 anos. Os artigos e trabalhos foram selecionados e sistematizados de acordo com a relação que possuem com a temática de educação, relação-professor aluno, afetividade e seus impactos.

O intuito do trabalho foi abordar a questão da afetividade, sua importância e como ela influencia na relação e nos processos de aprendizagem, uma vez que essa questão, muitas vezes foi deixada de lado, acreditando ser papel do professor somente ensinar o conteúdo sem a preocupação afetiva com o aluno.

A afetividade segundo Ferreira (2009) é o conjunto dos fenômenos afetivos (tendências, emoções, sentimentos, paixões etc.). É algo construído, que se dá através do resultado das nossas relações/contato com o outro, seja no ambiente familiar, de lazer, trabalho ou no ambiente escolar.

A Afetividade valoriza tudo na vida, tudo aquilo que está fora das pessoas, como os fatos e acontecimentos, bem como aquilo que está interno (causas subjetivas), como os medos, nossos conflitos, os anseios, etc. A Afetividade valoriza também os fatos e acontecimentos de nosso passado e nossas perspectivas futuras. (SANTOS E RUBIO, 2012. p. 3)

Em todos os momentos estamos expressando nossos sentimentos, seja de forma consciente ou inconsciente, nas expressões faciais, corporais, e até mesmo na fala, quando prestamos atenção conseguimos detectar o estado emocional das pessoas.

Bezerra (2006) afirma que para Wallon (um dos grandes autores renomados sobre a teoria do desenvolvimento humano), a sociedade pode interferir no desenvolvimento da criança, além dos fatores biológicos, ambientais e socioculturais. Wallon, enfatiza em suas obras a afetividade como um fator importante no desenvolvimento humano, trazendo como base em suas ideias quatro elementos relacionados entre si: a afetividade, o movimento, a

capacidade cognitiva, e a formação da personalidade. Para ele é importante que a escola ofereça uma formação integral: intelectual, afetiva e social, trazendo para dentro da sala de aula, não só o corpo, mas também as sensações, sentimentos e emoções da criança.

Para Bezerra (2006), a dimensão afetiva, seja do ponto de vista da construção da pessoa, como do ponto de vista do conhecimento é marcante para o desenvolvimento da humanidade. Essa importância se manifesta a partir do nascimento, se estendendo pelo primeiro ano de vida da criança,

Wallon explica que uma criança sadia, quando já está se relacionado afetivamente bem com o meio que a cerca, em particular com sua mãe, sente necessidade de ser objeto de manifestações afetivas para que, assim, seu desenvolvimento biológico seja perfeitamente normal (DANTAS,1992a:85, *apud* BEZERRA, 2006, p. 22).

Dessa forma, entendemos que para Wallon o choro da criança atua de maneira intensa, mobilizando a mãe para o atendimento da necessidade do bebê. Esta função biológica acaba dando origem a uma das características da expressão emocional, fazendo com que a emoção seja considerada algo social, pois é através dela que o primeiro vínculo entre as pessoas acontece, suprimindo a insuficiência da articulação cognitiva nos momentos iniciais da vida.

Segundo Santos e Rubio (2012), a afetividade não é marcada apenas pelo contato físico, ela é muito mais do que isso, está relacionada com toda a interação de um ser para com o outro, o comportamento e as intenções. Dessa forma a afetividade acaba sendo parte do processo de conhecimento, por isso se dá a importância não apenas do que ensinar, mas do como ensinar. Uma vez que engloba a questão: de que forma posso transmitir o meu conhecimento para o outro, de que forma posso acessá-lo? Por acreditar que o processo de ensino e aprendizagem não se dá somente na transmissão de conteúdo, mas também através da relação e da afetividade existente entre aluno e professor é que fazemos uso da contribuição de Mosquera (2006)

A afetividade, expressada pelos sentimentos, reflete as relações das pessoas, e é essencial para a atividade vital no mundo circundante. Pelas modificações dos sentimentos e sua expressão comportamental, podemos analisar a mudança de atitude do ser humano frente às circunstâncias mutáveis ou estáticas de sua vida, em determinados contextos de tempo e espaço. (MOSQUERA, 2006, p. 130)

Sendo a afetividade um fator considerável no ambiente escolar, se faz necessário que o professor tenha ciência da importância do seu papel na relação com seus alunos, uma vez que é um dos responsáveis em mediar o processo de convivência em sociedade. As relações construídas entre os professores e alunos acabam sendo uma evolução ou desconstrução do indivíduo,

[...] pois a insatisfação, em algum ponto específico da vida de ambos, pode gerar alguns problemas para ambas as partes e cada uma reagirá de modo bem particular, mas que serão, certamente, prejudiciais tanto na prática pedagógica quanto na aprendizagem dos alunos” (MEDEIROS, 2017, p. 1174)

Dentre uma das competências gerais da educação básica que deve ser trabalhada e que consta na Base Nacional Curricular está:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018. p.10)

Pode-se relacionar essa competência com questões relacionadas a sala de aula, pois segundo Medeiros (2017), um ambiente que tem justiça, respeito e solidariedade com os alunos faz com que eles entendam que viver bem consigo e com os outros requer compromisso e responsabilidade.

O convívio no ambiente escolar é algo importante que deve ser bem pensado fazendo com que se tenha respeito e harmonia entre todos os que lá estão, impossibilitando que se crie problemas difíceis de serem solucionados. Dessa forma, “toda prática pedagógica deve ser iniciada a partir de uma boa relação entre professor e alunos, tornando recompensador o processo de ensino-aprendizagem” (MEDEIROS, 2017, p.1175).

Bezerra (2006), em estudos realizados com base no teórico Henri Wallon, diz que quando o professor tem conhecimento do conflito eu-outro na construção da personalidade, que é onde costuma surgir a inimizade ou problemas de relacionamento afetivo da criança com o professor, seja pela falta de êxito da criança, pela severidade do professor, por motivos pessoais, quanto por problemas afetivos de origem psíquica, os professores podem receber essas atitudes com mais tolerância e não tomá-las como afrontas pessoais. “O

professor que assume o amor pelo que faz e procura manter alegria na escola demonstra comprometimento constante por práticas que promovam a aprendizagem significativa” (ARRUDA, 2019, p.257)

Neste contexto é que este trabalho será desenvolvido, considerando-se sua relevância na produção de conhecimentos como contribuição à formação docente e respaldo para a prática cotidiana de professores.

1.1 A AFETIVIDADE NA SOCIALIZAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Segundo Medeiros (2017), o professor tem um papel de extrema importância, pois é ele que ensina seus alunos para a vida em sociedade. Essa relação deve ser consistente e baseada na compreensão, refletida consequentemente, na prática pedagógica e na aprendizagem.

O grande desafio do professor é enxergar seu aluno em sua totalidade de forma concreta e singular.

Educar não significa apenas repassar informações ou mostrar um caminho a trilhar, que o professor julga ser o certo. Educar é ajudar o educando a tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade em que vive, bem como de seu papel dentro dela. É saber aceitar-se como pessoa e principalmente aceitar ao outro com seus defeitos e qualidades. É, também, oferecer diversas ferramentas para que a pessoa possa escolher o seu caminho, entre muitos. Determinar aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com circunstâncias adversas que cada um irá encontrar. O educador é, sem dúvida, a peça mestra nesse processo de educar verdadeiramente, devendo ser encarado como um elemento essencial e fundamental. Quanto maior e mais rica for sua história de vida e profissional, maiores serão as possibilidades de desempenhar uma prática democrática efetiva que eduque positivamente. (PAULA, 2010, p. 2)

A afetividade facilita e contribui para a aprendizagem dos alunos, e deixa o professor mais seguro diante de sua turma, fazendo com que ambos tenham mais facilidade de construir valores essenciais para uma boa convivência em sociedade, sabendo respeitar e entender as diferenças de todo ser humano.

A afetividade é algo que se tem ou constrói pelo outro sem esperar nada em troca; se não der para ser dessa forma, tratar o outro com respeito seria o ideal. Em se tratando da educação, a situação não é diferente, já que o professor não deve forçar a demonstração de sentimentos que não têm; mas, obrigatoriamente, respeitar a todos à

sua volta pelo próprio papel de responsabilidade que assumiu perante a sociedade. As cobranças se fazem reais e constantes, tanto na vida profissional quanto pessoal do professor, que deve ter no mínimo uma conduta ética e moral, pois esta mostra, verdadeiramente, quem pessoa é, e os valores morais que regem suas falas e ações. (MEDEIROS, 2017, p.1171 - 1172)

O professor deve se conscientizar da sua responsabilidade pois o mesmo é visto como um exemplo para seus alunos, influenciando na formação da personalidade dos mesmos. É necessário que ele passe segurança, e esteja bem preparado, não só didaticamente, mas para a resolução de conflitos, esteja motivado, tenha dedicação e compreensão. Além disso, ele deve estar preparado para lidar com a individualidade de cada aluno, buscando construir uma relação positiva e saudável, proporcionando diálogo, passando confiança, facilitando a comunicação entre eles e favorecendo o companheirismo, visando sempre o desempenho dos seus alunos, e dele mesmo.

Ter em vista a percepção e o juízo de nossos alunos nos permitirá entrar melhor no mundo deles. A opinião deles não é nossa norma; contudo, devolver para eles de maneira um pouco organizada a visão que tem do bom professor ou do professor desejado pode ser uma boa oportunidade para a reflexão deles e a nossa. Podemos encontrar aqui uma ocasião de comunicação significativa como nossos alunos, ao nos dizer como deveríamos ser, nos comunicar suas próprias necessidades tal como eles as vivem (MORALES, 1998, p. 35 *apud* MEDEIROS, 2017, p. 1170).

Quando o educador está aberto a escutar aquilo que os alunos têm formulado sobre o perfil de um bom professor, é possível refletir sobre suas ações e a forma como elas impactam seus alunos, buscando alternativas e meios de repensar suas práticas e atitudes, caso seja preciso.

Para que haja esse processo educativo efetivo é necessário que algo mais permeie essa relação aluno-professor. É esse algo a mais que falta em diversas instituições de ensino. A afetividade, uma relação mais estreita entre o educando e o educador. (PAULA, 2010, p. 2).

Segundo Staccioli (2013), ao mesmo tempo em que o professor deve encorajar a criança, ele deve buscar por proporcionar atividades para os alunos que estejam de acordo com as suas motivações pessoais, além de conceder responsabilidades às crianças fazendo com que elas se sintam protagonistas da sua vida educacional.

A abertura para a escuta também é um grande princípio educativo relacionado a afetividade, pois muitas das vezes se tem uma conversa, mas não há a escuta.

O termo escuta pode dar origem a equívocos, mesmo porque é utilizado em diversas áreas do conhecimento como a psicologia, a música e outras. Normalmente, pensa-se em escuta musical: parece outra coisa, mas a escuta ativa é aquela que não deixa que o ouvinte se entregue completamente às sensações estritamente pessoais. Uma escuta ativa requer que o ouvinte entre no trecho musical, nos significados da mensagem e no sentido da comunicação sonora. A escuta é um trabalho ativo, por parte de quem ouve. (STACCIOLI, 2013, p.37).

Quando trazemos a escuta para o âmbito da aprendizagem, de acordo com Staccioli (2013), ela assume uma característica de investigação, o adulto procura se colocar no lugar da criança, procurando entender aquilo que está sendo dito pela criança, aceitando construções que possam não corresponder as regras usuais da língua. Ela vai além daquilo que se é falado, a escuta é marcada pela observação tentando se colocar no papel do outro, mudando a sua forma de ver e sentir, para tentar captar a forma como o outro sente. Quando assumida a postura de escuta, o adulto não busca corrigir as explicações que as crianças dão, mas busca deixar que essas hipóteses tomem corpo, forma.

A função dos adultos, principalmente nas instituições escolares, é apoiar o crescimento e a capacidade de compreensão das crianças. O apoio pode ocorrer sem sobrepor-se à criança, sem exageros, se, entrar forçosamente nos processos cognitivos, sem “antecipações”, sem colocar as crianças em situações problemáticas que não correspondem à sua capacidade. A tarefa das instituições escolares é fazer com que as crianças cresçam dentro da regra da qualidade de vida e da experiência. (STACCIOLI, 2013, p. 40 - 41).

É necessário que o professor busque compreender a realidade e o contexto em que a criança está inserida, favorecendo o reconhecimento de eventuais problemas que possam surgir. Quando este tipo de postura é adquirida, as crianças se sentem mais respeitadas e seguras, trazendo bons resultados em seus estudos. Os erros não devem ser supervalorizados, evitando assim que as crianças percam a confiança e que desenvolvam uma percepção negativa de si mesma. Um professor encorajador e acolhedor precisa enfatizar o positivo, evidenciando aquilo que se tem de melhor na criança e no seu desenvolvimento.

1.2 AFETIVIDADE DURANTE O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A afetividade, além de ter um papel muito importante na vida das pessoas, é responsável por formar um elo na relação professor-aluno. Apesar de existir uma distinção na natureza da afetividade e da cognição, elas estão sempre interligadas, “dissociadas em todas as ações simbólicas e sensório-motoras” (PAULA, 2012, p.4).

O desenvolvimento intelectual envolve muito mais que uma organização cerebral, a partir de Wallon é necessário perceber a dimensão afetiva do indivíduo e trabalhar para que a construção cognitiva seja mais dinâmica e efetiva.

Uma teoria pedagógica inspirada em Wallon pressupõe um movimento dialético entre afetividade, emotividade e subjetividade com processos cognitivos, interação social e racionalidade mutuamente imbricado e relacionados em via de interdeterminação (BEZERRA, 2006, p.23).

Para se obter uma mudança de comportamento que aumente a qualificação do aluno, é necessário que a criança note e perceba a relação entre o que está aprendendo e a importância em sua vida, uma vez que a aprendizagem mecânica e conteudista não lhe permite criar significado. Uma aprendizagem significativa possui um vínculo afetivo que facilita as atividades cognitivas e simbólicas, que tem como características o raciocínio, análise e imaginação com afetividade e emoção.

A partir de alguns estudos teóricos, de acordo com Medeiros (2017), foi possível observar que os sentimentos são indispensáveis e indissociáveis ao ser humano, sendo impossível a existência de um, sem o outro, sendo assim, faz se necessário o autoconhecimento que tem por finalidade viver bem socialmente, facilitando a forma como lidamos com os sentimentos das outras pessoas. Dessa forma,

[...] vivenciar a afetividade no ambiente educacional, é fundamental para que as crianças possam interpretar o mundo de uma forma mais sensível, atribuindo valores a si mesmas e ao próximo, no intuito de contribuir para um mundo mais humano (MEDEIROS, 2017, p.13).

Todos os seres humanos vivem de acordo com a realidade à sua volta, essa realidade é o que define o seu estado emocional diante de diversas situações do cotidiano, podendo gerar uma estabilidade ou desestabilidade das relações interpessoais.

Vygotsky e Wallon descrevem o caráter social da afetividade, sendo a relação afetividade-inteligência fundamental para todo o processo de desenvolvimento do ser humano. Cabe ao educador integrar o que amamos com o que pensamos, trabalhando de uma só vez, a razão e a emoção. Só se aprende a amar, quando se é amado. Por isso a criança tem que se sentir amada, para descobrir o que é amor. Nós não damos aquilo que não temos. As crianças precisam sentir-se amadas pelos pais, e pela família. O amor lhes dá segurança, fazendo com que tenham mais vontade de participar e explorar o mundo que as cerca, fazendo com que tenham mais vontade de participar e explorar o mundo. (PAULA, 2010, p. 4)

A afetividade garante com que a criança se sinta segura e amada, dessa forma, ela se sente livre e confiante para dar passos largos, pois sabe que quando precisar sempre terá alguém para lhe estender os braços. Quando essa confiança não se faz presente ela se limita pelo medo da falta de aprovação, dificultando seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Quando a criança inicia sua jornada no ambiente escolar esse primeiro contato é, tradicionalmente, chamado de adaptação, porém como a própria palavra diz, existe um ajuste da criança a escola, é um momento onde ela se adapta ao ambiente a nova rotina. Porém, podemos trazer a afetividade no contexto escolar logo nesse primeiro momento, buscando fazer de fato o acolhimento da criança.

De acordo Stacciloli (2013), o acolher está muito além do adaptar, acolhemos quando voltamos a atenção para a pessoa, pensamos, organizamos e planejamos algo para que ela se sinta “abraçada”. É muito mais do que deixar ela entrar no ambiente físico, é um modo de ser do adulto, reconhecendo a criança e o seu mundo. É um trabalho que nem sempre é fácil, ele envolve a presença dos pais e educadores nesse processo.

“Um método que acolhe” faz apelo à competência do adulto (é muito mais difícil propor situações do que organizar uma intervenção direta) e remete a um conceito fundamental do processo educativo, aquele inerente à confiança na criança e na sua vontade e capacidade aprender o sentido e os mecanismos que regulam a realidade das coisas e as relações entre as pessoas. Uma confiança que não é

abandono, autonomia equivocada da criança ou, ainda, desinteresse ou negligência. Tornar concreto e cotidiano o princípio de que a criança é “sujeito de direitos” e que tem direito ao respeito e ao reconhecimento de suas exigências (explícitas e implícitas) é, também, uma tarefa nada fácil. E não é fácil não apenas por causa das condições difíceis que, às vezes, caracterizam certos grupos ou certas situações escolares (por causa do número de crianças ou da presença de poucos professores), mas também porque o respeito é uma escolha que deve se estender ao contexto (a família, o ambiente) no qual a criança vive. (STACCIOLI, 2013, p.27)

Quando acolhemos uma criança, permitimos que elas deixem sinais que podem auxiliar o adulto para saber a melhor forma de agir, enriquecendo e ampliando as experiências das crianças.

É importante ressaltar que o acolhimento não para na linguagem verbal, ela se estende a comunicação não verbal: olhares, gestos, postura do corpo e tom da voz. No momento em que a criança está sendo acolhida, “dizer algo para a criança com tom irônico ou ameaçador provoca confusão e até mesmo o bloqueio da verbalização” (STACCIOLI, 2013, p.11). A questão corporal também pode exercer influência dando a sensação de confiança para a criança, na pré-escola algumas atitudes que garantem essa influência corporal positiva são: sentar-se de frente para a criança fazendo com que os olhos se cruzem, um sorriso, ou até mesmo um sinal de aprovação podem garantir a segurança da criança.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Compreender e discutir a importância da afetividade na relação professor-aluno e seu impacto na aprendizagem, em uma revisão de literatura.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar a importância da afetividade nas relações humanas.
- Descrever o papel do educador no processo de aprendizagem a partir da literatura pesquisada.
- Analisar como relações afetivas positivas entre professor-aluno interferem no processo de aprendizagem.

3. METODOLOGIA

De acordo com Pozzebon (1994), a metodologia indica as conexões e leituras que o pesquisador utilizou. É uma descrição formal e técnica, diz respeito à exploração de campo (escolha da pesquisa, definição de método, técnicas e entre outros).

Esta pesquisa teve como metodologia a revisão bibliográfica, na abordagem qualitativa. A revisão bibliográfica deve se iniciar com uma pesquisa que segundo Gatti (2007), é o ato pelo qual procuramos obter conhecimento sobre alguma coisa, utilizada para se apropriar sobre determinado assunto, buscando entender o processo, indo além dos fatos e das observações superficiais, levando em consideração alguns critérios de escolha e interpretação onde cada pesquisador cria o seu critério de referência.

Para a realização deste trabalho as buscas foram realizadas nas fontes de dados do Scielo, uma plataforma digital que disponibiliza estudos e trabalhos científicos desenvolvidos em todo o mundo, o acesso aos artigos foram realizados através de índices e formulários de busca, utilizando-se dos descritores: afetividade, relação professor-aluno e afetividade no processo de ensino e aprendizagem, além da consulta de livros de autores primários e secundários.

A pesquisa foi realizada de forma qualitativa, existindo uma preocupação com os casos particulares e individuais, a investigação é descrita através dos dados que foram recolhidos em forma de palavras ou imagens. Possui um processo semelhante ao de um funil, onde as coisas são apresentadas de forma mais ampla, e aos poucos se tornam mais específicas.

O fascínio da pesquisa qualitativa é que ela permite a realização de estudos aprofundados sobre uma ampla variedade de tópicos, incluindo seus favoritos, em termos simples e cotidianos. Além disso, a pesquisa qualitativa oferece maior liberdade na seleção de temas de interesse, porque os outros métodos de pesquisa tendem a ser limitados[...] (YIN, 2016, p. 5 - 6)

De acordo com Yin (2016), a pesquisa qualitativa pode ser listada com cinco características, dentro delas a que mais se sobressai neste projeto é a

contribuição sobre conceitos que já existem, podendo contribuir/explicar um comportamento e a dedicação por usar mais de uma única fonte para evidência. Uma vez que para a sua elaboração será utilizada mais de uma fonte de evidência.

Além de ser uma pesquisa qualitativa, trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória, de revisão bibliográfica em periódicos da área de educação.

A pesquisa exploratória, de acordo com Gil (2008), tem como objetivo tornar o problema algo mais familiar, através do aprimoramento de ideias, ou a descoberta de intuições, “[...] é desenvolvida com base em um material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2008. p.44).

A organização e análise dos conteúdos foram realizadas conforme Bardin (1977), iniciando-se com uma pré-análise dos materiais disponíveis na plataforma Scielo, efetuando uma leitura do resumo dos documentos selecionados possibilitando a escolha dos documentos que foram analisados para a formulação de hipóteses e objetivos, além da preparação do material.

O segundo passo foi marcado pela exploração do material, que constituiu na codificação do mesmo através de recortes das unidades de registros e de contexto, como: palavras, temas e objetos, levando em consideração a sua pertinência. No caso deste trabalho os recortes deveriam conter informações sobre: aprendizagem, afetividade e a relação professor-aluno.

A análise foi finalizada com a interpretação dos resultados obtidos, considerando os dados coletados e as informações obtidas durante o decorrer do trabalho.

4. RESULTADOS

Conforme informado anteriormente, a coleta de dados foi realizada na plataforma SCIELO, com um recorte temporal de dez anos (2011-2021), utilizando como palavras-chave para a pesquisa: “afetividade”, “relação professor-aluno”, “afetividade no processo de ensino e aprendizagem” e que abordem a temática dentro da educação infantil e ensino fundamental. Como critério de seleção foi realizada a leitura dos resumos, buscando as pesquisas que apresentam maior relação com a temática abordada, em alguns casos através do próprio título foi possível verificar que não havia relação com o problema da pesquisa.

Buscando filtrar melhor os resultados encontrados, quando foi realizada a pesquisa por “afetividade”, alguns critérios foram estabelecidos além do tempo de publicação, sendo eles: idioma em português e a área de temática de educação. O mesmo aconteceu na pesquisa “relação professor-aluno”, onde houve a seleção do idioma em português.

A apresentação dos resultados se constituiu na construção de 3 quadros, contendo as informações: número do artigo, autores, título do artigo, período, e ano de publicação do mesmo.

Quadro 1. Resultados obtidos descritor “Afetividade”

Nº	AUTORES	Título	PERIÓDICO	ANO
1	Grossi, Márcia Gorett Ribeiro; Leal, Débora Cristina Cordeiro Campos.	Análise dos Objetos de Aprendizagem Utilizados em Curso Técnico de Meio Ambiente a Distância	Ciência & Educação (Bauru)	2020
2	Osti, Andréia; Tassoni, Elvira Cristina Martins.	Afetividade percebida e sentida: representações de alunos do ensino fundamental	Cadernos de Pesquisa	2019

3	Franzi, Juliana; Araújo, Ulisses Ferreira de.	Do amor como falta: uma abordagem pedagógica	Educação e Pesquisa	2019
4	Dominici, Isabela Costa; Gomes, Maria de Fátima Cardoso; Neves, Vanessa Ferraz Almeida.	“Por que aprender a ler?”: afeto e cognição na Educação Infantil	Pro-Posições	2018
5	Flickinger, Hans-Georg.	Educação e alteridade em contexto de sociedade multicultural	Cadernos de Pesquisa	2018
6	Guimarães, Daniela; Arenari, Rachel.	Na creche, cuidados corporais, afetividade e dialogia	Educação em Revista	2018
7	Camargo, Poliana da Silva Almeida Santos	Representações Sociais de Docentes da EJA: afetividade e formação docente	Educação e realidade	2017
8	Loos-Sant'Ana, Helga; Barbosa, Priscila Mossato Rodrigues.	Dando voz às crianças: percepções acerca do papel da dimensão afetiva na atividade pedagógica	Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	2017
9	Degasperi, Thais Cristiane; Bonotto, Dalva Maria Bianchini.	Educação ambiental e as dimensões cognitiva e afetiva do trabalho com valores: produzindo sentidos	Ciência & Educação (Bauru)	2017
10	Martins, André Dias; Bianchini, Luciane Guimarães Batistella; Yaegashi, Solange Franci Raimundo.	Webquest e a Afetividade Presente na Construção de Conhecimento Matemático por Alunos do Ensino Médio	Bolema: Boletim de Educação Matemática	2017
11	Stumpf, Beatriz Osorio; Bergamaschi, Maria Aparecida.	Elementos espirituais, simbólicos e afetivos	Educação e Pesquisa	2016

		na construção da escola mbyá guarani		
12	Pereira, Marta Maximo; Abib, Maria Lucia Vital dos Santos.	Memória, cognição e afetividade: um estudo acerca de processos de retomada em aulas de Física do Ensino Médio	Ciência & Educação (Bauru)	2016
13	Pereira, Marta Maximo; Abib, Maria Lucia Vital dos Santos.	Afetividade e metacognição em percepções de estudantes sobre sua aprendizagem em física	Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)	2016
14	Dayrell, Juarez; Geber, Saulo.	Os "novos" educadores dos programas de educação integral: uma análise das práticas educativas dos agentes culturais	Educação em Revista	2015
15	Duarte, Anaísa Caparroz; Almeida, Débora Vieira de; Popim, Regina Célia.	A morte no cotidiano da graduação: um olhar do aluno de medicina	Interface - Comunicação, Saúde, Educação	2015
16	Oliveira*, Ivone Martins de.	Nas fronteiras entre o biológico e o cultural, o afeto	Cadernos CEDES	2015
17	Magrin, Maria Isabel Donnabella; Leite, Sérgio Antonio da Silva.	Infância vulnerável e sucesso na leitura e escrita: histórias possíveis	Educação & Realidade	2014
18	Carvalho, Rodrigo Saballa de.	O imperativo do afeto na educação infantil: a ordem do discurso de pedagogas em formação	Educação e Pesquisa	2014
19	Loos-Sant'Ana, Helga; Gasparim, Liege.	Investigando as interações em sala de aula: Wallon e as vinculações afetivas	Educação em Revista	2013

		entre crianças de cinco anos		
20	Simões, Bruno dos Santos; Quadros, Ana Luiza de; Gehlen, Simoni Tormöhlen; Corrêa, Hamilton Perez Soares; Langhi, Rodolfo.	A afinidade com a física: uma análise feita com estudantes da universidade federal do mato grosso do sul (ufms)	Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)	2013
21	Mattos, Sandra Maria Nascimento de.	Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares	Educar em Revista	2014
22	Silva, Maria do Carmo Lobato da; Oliveira, Marinalva Silva.	Apropriação participatória mediante interação verbal por tríades de crianças durante a resolução de problemas matemáticos	Ciência & Educação (Bauru)	2012
23	Sousa, Rogério Gonçalves de; Bastos, Sandra Nazaré Dias.	Discursos epistemológicos de afetividade como princípios de racionalidade para a educação científica e matemática	Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)	2011
24	Durães, Sarah Jane Alves.	Aprendendo a ser professor(a) no século XIX: algumas influências de Pestalozzi, Froebel e Herbart	Educação e Pesquisa	2011

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 2. Resultados obtidos descritor “Relação professor-aluno”

Nº	AUTORES	TITULO	PERIÓDICO	ANO
----	---------	--------	-----------	-----

1	Valle, Jéssica Elena; Williams, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque	Engajamento Escolar: Revisão de Literatura Abrangendo Relação Professor- Aluno e Bullying	Psicologia: Teoria e Pesquisa	2021
2	André, Ernesto Barros	O que dizem os alunos sobre os conflitos decorrentes de sua relação com os professores	Educação e Pesquisa	2021
3	CARVALHO, Amanda Gabriele Cruz; SCHMIDT, Andréia	Práticas Educativas Inclusivas na Educação Infantil: uma Revisão Integrativa de Literatura	Revista Brasileira de Educação Especial	2021
4	VIEIRA, Camila Mugnai; OMOTE, Sadao	Atitudes Sociais de Professores em Relação à Inclusão: Formação e Mudança	Revista Brasileira de Educação Especial	2021
5	Tavares, Vinicius dos Santos; Melo, Rosane Braga de.	Possibilidades de aprendizagem formal e informal na era digital: o que pensam os jovens nativos digitais?	Psicologia Escolar e Educativa	2019
6	Schweitzer, Lucas; Souza, Simone Vieira de.	Os sentidos atribuídos à queixa escolar por profissionais de escolas públicas municipais	Psicologia Escolar e Educativa	2018
7	Oliveira, Karime Rodrigues Emilio de; Trovo, Monica Martins; Riso, Amanda Creste Martins da Costa Ribeiro; Braga, Elia Mara	The teaching approach on communicative skills in different teaching methodologies	Revista Brasileira de Enfermagem	2018

8	Zuin, Vânia Gomes; Zuin, Antônio Álvaro Soares.	O celular na escola e o fim pedagógico	Educação &; Sociedade	2018
9	FARIA, Paula Maria Ferreira de; CAMARGO, Denise de.	As Emoções do Professor Frente ao Processo de Inclusão Escolar: uma Revisão Sistemática	Revista Brasileira de Educação Especial	2018
10	Trentin Silveira, Rene	A Relação Professor-Aluno de uma Perspectiva Gramsciana	Educação &; Realidade	2018
11	Vieira, Claudia Regina; Molina, Karina Soledad Maldonado	Prática pedagógica na educação de surdos: o entrelaçamento das abordagens no contexto escolar	Educação e Pesquisa	2018
12	Loos- Sant'Ana, Helga; Barbosa, Priscila Mossato Rodrigues	Dando voz às crianças: percepções acerca do papel da dimensão afetiva na atividade pedagógica	Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	2017
13	Ferreira, Victor Silva; Andrade, Márcia Siqueira	A Relação Professor-Aluno no Ensino Médio: Percepção do Professor de Escola Pública	Psicologia Escolar e Educativa	2017
14	Pereira, Alan Antunes; Nogueira, Anelise de Barros Leite; Cabette, Regina Elaine Santos	Motivação em universitários: análises de teses e dissertações entre 2000 e 2011	Psicologia Escolar e Educativa	2017
15	Mariotto, Rosa Maria Marini	Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de	Educar em Revista	2017

		transferência e discurso		
16	Lemos, Jéssica Michelis; Batista, Ana Priscila.	Relação entre autoconceito de crianças e estilos de liderança de professores	Psicologia Escolar e Educacional	2017
17	Silva, Cíntia Santana e; Costa, Bruno Lazzarotti Diniz.	Opressão nas escolas: o bullying entre estudantes do ensino básico	Cadernos de Pesquisa	2016
18	Sanini, Cláudia; Bosa, Cleonice Alves.	Autismo e inclusão na educação infantil: Crenças e autoeficácia da educadora	Estudos de Psicologia (Natal)	2015
19	Oliveira, Clarissa Tochetto de; Wiles, Jamille Mateus; Fiorin, Pascale Chechi; Dias, Ana Cristina Garcia.	Percepções de estudantes universitários sobre a relação professor-aluno	Psicologia Escolar e Educacional	2014
20	Carneiro, Reginaldo Fernando	Narrativas de Alunas-Professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: uma cultura de aula de matemática	Bolema: Boletim de Educação Matemática	2014
21	Tinoco, Robson Coelho	A intricada leitura de literatura - um novo processo socioeducacional de conhecimento	Educar em Revista	2014
22	Loos-Sant'Ana, Helga; Gasparim, Liege	Investigando as interações em sala de aula: Wallon e as vinculações afetivas entre crianças de cinco anos	Educação em Revista	2013

23	Patto, Maria Helena Souza.	O ensino a distância e a falência da educação	Educação e Pesquisa	2013
24	Mattos, Amana Rocha; Pérez, Beatriz Corsino; Almada, Carlos Vinícius Ribeiro; Castro, Lucia Rabello de.	O cuidado na relação professor-aluno e sua potencialidade política	Estudos de Psicologia (Natal)	2013
25	Batista, Ana Priscila; Weber, Lidia Natalia Dobrianskyj	Estilos de liderança de professores: aplicando o modelo de estilos parentais	Psicologia Escolar e Educacional	2012
26	Rios, Izabel Cristina; Schraiber, Lilia Blima.	A relação professor-aluno em medicina - um estudo sobre o encontro pedagógico	Revista Brasileira de Educação Médica	2012
27	Cruz, Shirleide Pereira da Silva; Batista Neto, José.	A polivalência no contexto da docência nos anos iniciais da escolarização básica: refletindo sobre experiências de pesquisas	Revista Brasileira de Educação	2012
28	Azevedo, Ângela Sá; Dias, Paulo Cesar; Salgado, Ana; Guimarães, Teresa; Lima, Isabel; Barbosa, Andreia.	Relacionamento professor-aluno e auto-regulação da aprendizagem no 3º ciclo do ensino médio português	Paidéia (Ribeirão Preto)	2012
29	Oliveira, Roberto Alves de; Lopes, Celi Espasandin	O ler e o escrever na construção do conhecimento matemático no Ensino Médio	Bolema: Boletim de Educação Matemática	2012

30	Guedes, Glauteice Freitas; Ohara, Conceição Vieira da Silva; Silva, Gilberto Tadeu Reis da.	Intensive care unit: a significant space for the professor-student relationship	Acta Paulista de Enfermagem	2012
31	Barbosa, Altemir José Gonçalves; Campos, Renata Araújo; Valentim, Tássia Azevedo.	A diversidade em sala de aula e a relação professor-aluno	Estudos de Psicologia (Campinas)	2011
32	Bzuneck, José Aloyseo; Sales, Karla Fernanda Suenson.	Atribuições interpessoais pelo professor e sua relação com emoções e motivação do aluno	Psico-USF	2011
33	Silva, Ariane Franco Lopes da.	Corporeidade e representações sociais: agir e pensar a docência	Psicologia & Sociedade	2011
34	Levandoski, Gustavo; Ogg, Fabiano; Cardoso, Fernando Luiz.	Violência contra professores de educação física no ensino público do estado do Paraná	Motriz: Revista de Educação Física	2011
35	Gaspar, Fernanda Drummond Ruas; Costa, Thaís Almeida.	Afetividade e atuação do psicólogo escolar	Psicologia Escolar e Educacional	2011
36	Rios, Izabel Cristina; Schraiber, Lilia Blima.	Uma relação delicada: estudo do encontro professor-aluno	Interface - Comunicação, Saúde, Educação	2011
37	Rios, Izabel Cristina; Schraiber, Lilia Blima.	Uma relação delicada: estudo do encontro professor-aluno	Interface - Comunicação, Saúde, Educação	2011

Fonte: elaborado pela autora.

O último resultado apresentado se repetiu no momento em que a pesquisa foi realizada, sendo assim, na verdade foi apresentado 36 resultados, e não 37.

Quadro 3. Resultado obtido descritor: “A afetividade no processo de ensino e aprendizagem”

Nº	AUTORES	TITULO	PERIÓDICO	ANO
1	Orlando, Isabela Ramalho.	Línguas indígenas em pauta na aula de inglês: possibilidades para uma educação linguística crítica	Trabalhos em Linguística Aplicada	2021
2	Grossi, Márcia Gorett Ribeiro; Leal, Débora Cristina Cordeiro Campos.	Análise dos Objetos de Aprendizagem Utilizados em Curso Técnico de Meio Ambiente a Distância	Ciência & Educação (Bauru)	2020
3	Osti, Andréia; Tassoni, Elvira Cristina Martins.	Afetividade percebida e sentida: representações de alunos do ensino fundamental	Cadernos de Pesquisa	2019
4	Osti, Andréia; Brenelli, Rosely Palermo.	Sentimentos de quem fracassa na escola: análise das representações de alunos com dificuldades de aprendizagem	Psico-USF	2013

Fonte: elaborado pela autora.

Seguindo os critérios de seleção estabelecidos anteriormente (idioma em Português, palavras-chave: “afetividade”, “relação professor-aluno”, “afetividade no processo de ensino e aprendizagem”; abordagem com ênfase na educação infantil e ensino fundamental; tempo de publicação e área de temática de educação), foi possível chegar na seguinte seleção:

Quadro 4. Total de resultados obtidos x utilizados

QUADRO/DESCRIPTOR	RESULTADOS OBTIDOS	UTILIZADOS
1. Afetividade	24	5
2. Relação professor-aluno	37	2
3. A afetividade no processo de ensino e aprendizagem	4	2
TOTAL	65	9

Fonte: elaborado pela autora.

Entre a quantidade total de títulos selecionados, alguns apareceram em mais de um descritor:

“Investigando as interações em sala de aula: Wallon e as vinculações afetivas entre crianças de cinco anos.”

“Dando voz às crianças: percepções acerca do papel da dimensão afetiva na atividade pedagógica”

“Afetividade percebida e sentida: representações de alunos do ensino fundamental”

O total de descritores utilizados realmente são 6, e não 9, como demonstra o quadro 4.

Quadro 5. Títulos analisados em profundidade

Artigo Nº	Título	Autores	Ano da Publicação
------------------	---------------	----------------	--------------------------

1	Afetividade percebida e sentida: representações de alunos do ensino fundamental	Osti, Andréia; Tassoni, Elvira Cristina Martins.	2019
2	Na creche, cuidados corporais, afetividade e dialogia	Guimarães, Daniela; Arenari, Rachel.	2018
3	Dando voz às crianças: percepções acerca do papel da dimensão afetiva na atividade pedagógica	Loos-Sant'Ana, Helga; Barbosa, Priscila Mossato Rodrigues.	2017
4	Investigando as interações em sala de aula: Wallon e as vinculações afetivas entre crianças de cinco anos	Loos-Sant'Ana, Helga; Gasparim, Liege.	2013
5	Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares	Mattos, Sandra Maria Nascimento de.	2014
6	Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de transferência e discurso	Mariotto, Rosa Maria Marini	2017

Fonte: elaborado pela autora.

O título: “Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares”, apesar de tratar como foco a inclusão/exclusão, traz em seu resumo a importância da afetividade e o quanto ela pode contribuir para a aprendizagem do aluno, apresentando grande relevância para esta pesquisa.

5. AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: ALGUNS ACHADOS

Com base na leitura realizada, analisando os artigos selecionados na base de dados SCIELO, relacionando-os com os objetivos específicos e categorizando-os em: “importância da afetividade nas relações humanas”, “papel do educador no processo de aprendizagem” e “como as relações afetivas interferem no processo de aprendizagem”, será relatado o que cada artigo selecionado aborda nas categorias a baixo citadas.

5.1 AFETIVIDADE E SUA IMPORTÂNCIA NAS RELAÇÕES HUMANAS

O artigo nº 1 “Afetividade percebida e sentida: representações de alunos do ensino fundamental”, traz a afetividade como uma parte do processo de formação do ser humano, articulando se a dimensão cognitiva, influenciando no desenvolvimento do indivíduo. As autoras trazem Vygotsky para a discussão, revelando que “as emoções são consequência de um afeto que se manifesta no corpo e também provoca representações, que são os sentimentos. ” (OSTI; TASSONI, 2019, p.4).

Outros autores como Wallon também são trabalhados para definir a afetividade, uma vez que dependendo da abordagem teórica há diversos significados para o termo: sentimento, afeto, afetividade e emoção, resultando em pouca precisão conceitual.

Tassoni (2008), com base em Wallon, esclarece que a afetividade refere-se a um conjunto funcional compreendido pelas emoções, sentimentos e paixões. Cada um dos três mantém diferenças entre si de acordo com a sua natureza, formas de manifestação e função. As emoções têm uma base orgânica, mas a sua origem é social – são o primeiro e mais forte vínculo que se estabelece entre as pessoas. Manifestam-se por meio de alterações orgânicas e vão se constituindo por influências sociais. Os sentimentos são de natureza psíquica e envolvem componentes representacionais, pois se expressam por meio da fala, da escrita, dos gestos, dos desenhos. Já as paixões referem-se a manifestações de autocontrole em razão de objetivos previamente definidos, por exemplo, os ciúmes. (OSTI; TASSONI, 2019 p.4)

Entre outros autores que abordam a questão da afetividade, no artigo nº1, encontram-se Almeida e Mahoney, que tratam da afetividade como a capacidade que o ser humano possui em ser afetado pelo mundo externo e interno.

Já o artigo nº2, que possui como ênfase os berçários, traz a afetividade representada através do contato emocional, troca de olhares, atenção e sensações que são compartilhadas na relação professor-aluno, e a forma como os bebês são acolhidos, se referindo a afetividade como o afeto trocado nas relações.

O artigo nº 3, “Dando voz às crianças percepções acerca do papel da dimensão afetiva na atividade pedagógica”, traz a importância da dimensão afetiva abordada por três grandes autores do desenvolvimento, sendo eles: Henri Wallon, Lev Vigotski e Jean Piaget. Todos em suas perspectivas de desenvolvimento falam sobre como os aspectos intelectuais e afetivo-emocionais se relacionam e se complementam, trazendo “indicadores de reconhecimento sobre o fato de a afetividade desempenhar importantíssimo papel nos processos de desenvolvimento e aprendizagem.” (LOOS-SANT’ANA, BARBOSA, 2017, p.448).

Nesse mesmo artigo traz em seu estudo Wallon, apontando a emoção como algo responsável pela organização da vida psíquica inicial, além de anteceder as primeiras construções cognitivas. Para ele, as pessoas são integradas em três campos funcionais: afetivo, motor e cognitivo. Já Vigotski, defende a visão de que a vida emocional está conectada a outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de modo geral, que é chamada pelo próprio autor de vivência, se referindo a forma como uma pessoa experimenta emocionalmente as interações do meio que a cerca.

Na vivência, forma-se um interjogo entre os diversos aspectos intrínsecos a um indivíduo – destes entre si e destes com os vários aspectos do meio exterior, os quais também interagem entre si –, que estão presentes, direta ou indiretamente, em cada situação experienciada pelo sujeito (Loos; Sant’Ana, 2007). A criança é parte do meio, está inserida nele e com ele forma uma unidade. *Perezhivanie* ou vivência representa, assim, a indivisibilidade da unidade composta por características da pessoa e da situação, enfatizando a totalidade e a unicidade do desenvolvimento psicológico infantil. Tal conceito é extremamente útil, uma vez que reúne o que cada pessoa e o que cada

contexto trazem em si, elementos esses que são atualizados dialeticamente no momento específico de cada interação. (LOOS-SANT'ANA; BARBOSA, 2017, p. 448 e 449).

Ainda no 3º artigo, na abordagem de Piaget, o autor traz que o comportamento possui dois aspectos: cognitivo e o afetivo. O cognitivo se refere a aspectos estruturais como a inteligência, já o afetivo compõe-se das emoções, sentimentos, vontades e tendências, “garantindo o “combustível” motivacional necessário às realizações no plano cognitivo” (SOUZA, 2003, *apud* (LOOS-SANT'ANA; BARBOSA, 2017, p. 449).”

Para Piaget, a afetividade é algo essencial, uma vez que sem ela não existiriam interesses, necessidades e motivações, dessa forma os problemas não poderiam ser formulados e não existiria inteligência (SOUZA, 2011 *apud* LOOS-SANT'ANA; BARBOSA 2017).

Assim como no artigo nº 1, o artigo nº3 traz a afetividade relacionada a forma como o sujeito se deixa afetar pelo mundo externo em suas diferentes possibilidades de interação, dizendo que é através dessa interação que se modula a capacidade de (re)significar o mundo, resultando em um potencial e desejo de aprender, além de enfatizar a importância da presença e proximidade física nas relações, como no artigo nº2.

[...] representações de afeto, carinho e estima Especialmente por meio do instrumento Desenhos com histórias, as crianças representaram fortemente “afeto”, “carinho” e “estima” em sua relação com as professoras. Um exemplo é o desenho de uma criança em que a professora vestia uma blusa com um coração estampado. As crianças enfatizaram a presença da professora, sua proximidade física, por vezes mencionando abraços entre elas e a docente: Esse momento é importante porque eu estou ao lado da minha professora e também porque eu gosto muito dela. (T.). Sorrindo, abraço. Não foi assim com as outras professoras; ela gosta de mim. (D.). (LOOS-SANT'ANA; BARBOSA, 2017, p. 454)

Assim como nos artigos nº1 e nº3, o artigo nº4, Loos-Sant'Ana, Gasparin (2013), também trabalha a afetividade na perspectiva de Wallon, onde os processos cognitivos, afetivos e motores são interligados, trazendo a questão da capacidade do ser humano de ser afetado pelo mundo interno e externo, sendo ele agradável ou não, resultando em um conjunto de muitas situações que formam o indivíduo em sua tonalidade.

A afetividade está presente no sujeito desde o seu nascimento, sendo sua expressividade possibilitada por meio prioritariamente corporal, o que indica a satisfação ou não de suas necessidades de sobrevivência e daquilo que lhe traz agrado e desagrado. (LOOS-SANT'ANA; GASPARIM, 2013, P.202)

No artigo 5º, a afetividade é trabalhada como qualidade de ser afetivo, ou seja, aquele que possui um carinho por algo ou alguém. Sensação de bem-estar com outro, simpatia, cumplicidade, afeição por alguém.

Afeto – do latim affectus, designa o conjunto de atos ou de atitudes como a bondade, a benevolência, a inclinação, a devoção, a proteção, o apego, a gratidão, a ternura, etc, que no seu todo podem ser caracterizados como a situação em que a pessoa “preocupa-se com” ou “cuida de” outra pessoa em que esta responde, positivamente, aos cuidados ou à preocupação de que foi objeto. (ABBAGNANO, 2000, p. 21). Bem como, corroborando com Sawaia (2008, p. 98), entendemos ainda a afetividade como: “a tonalidade e a cor emocional que impregna a existência do ser humano e se apresenta como: 1) sentimento: reações moderadas de prazer e desprazer, que não se refere a objetos específicos; 2) emoção, fenômeno afetivo intenso, breve e centrado em fenômenos que interrompem o fluxo normal da conduta” (MATTOS, 2012 p.225)

Além disso, Mattos também aborda a afetividade positiva através de uma escuta empática, “o que significa reformular as falas do outro no intuito de compreendê-lo; devolvendo-lhe aquilo que concerne essencialmente à sua afetividade, em um confronto consigo mesmo” (MATTOS, 2012, p. 226), buscando fazer com que o outro reflita sobre si mesmo e reveja seu caminho para chegar à solução de um problema.

5.2 PAPEL DO EDUCADOR NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

O artigo 2 tem como foco o trabalho com os bebês. Ele traz aquilo que se considera necessário para os professores trabalharem com crianças pequenas, dando ênfase na importância da intencionalidade e do planejamento.

Schmitt (2014) chama a atenção para os contornos da ação docente na creche, identificando como uma das principais marcas da professora de bebês a multiplicidade simultânea das relações. Atentar ao mesmo tempo para as singularidades e o coletivo, para diversas demandas simultâneas de atenção são elementos que caracterizam a docência na creche. Ou seja, o planejamento e a intencionalidade

pedagógica deveriam envolver essas questões. (GUIMARÃES, ARENARI, 2018, p. 12)

Além disso, o artigo evidencia que as crianças são afetadas pelos seus pais e professores, vendo os mesmos como um modelo a ser seguido, muitas vezes as crianças acabam reproduzindo atitudes e comportamentos daqueles nos quais se espelham.

A imitação pelas crianças de gestos, ações, entonações, e demais comportamentos daqueles com quem convivem vão impregnando o corpo delas, de modo que são pouco a pouco apropriados. Nesse movimento, os sentidos e simbolismos seguem sendo partilhados e significados pelos sujeitos no coletivo. Os adultos ocupam um lugar de referência ou ponte para a construção de novas formas de atuação por parte da própria criança, que vive o coletivo como engrandecimento de suas possibilidades. (GUIMARÃES; ARENARI, 2018, p. 10)

O artigo nº 3 aborda a importância do papel do educador, enfatizando a questão afetiva, ressaltando que o mesmo acaba ocupando a função de mediar o vínculo dos seus alunos com os objetos de conhecimento disponibilizados pela escola, quando realizada a entrevista com as crianças e há o questionamento sobre qual é o papel do professor, “ as crianças relacionaram a “atenção”, o “ajudar” e o “conversar” à ideia que fazem desse trabalho: “Ajudar as crianças, passar lição ensinando, explicar e conversar” (J.)” (LOOS-SANT’ANA; BARBOSA, 2017, p. 454).

No artigo nº 5, o papel do educador aparece como aquele que deve dar apoio ao educando, orientando e ajudando ele a superar os seus bloqueios emocionais, possibilitando a gestão das emoções, estimulando as competências emocionais de seus alunos, utilizando meios onde os alunos possam sentir as coisas que aprendem, encontrando uma forma de estimular o lóbulo pré-frontal esquerdo (área do cérebro responsável pelas emoções e pensamento), proporcionando um bem-estar emocional, estimulando assim todas as competências emocionais do aluno. Quando o bem-estar emocional é acionado o educando pode estabelecer a ligação entre o que é ensinado e os sentimentos que contribui para o sentir e aprender.

É importante que o educador se torne um educador empático, percebendo os sinais que o educando dá, buscando reverter os aspectos negativos em positivos podendo, dessa forma, ensinar de forma efetiva.

Assim, concorda-se com Goleman (*apud* CHABOT; CHABOT, 2008, p. 141): Os indivíduos empáticos sabem ouvir os inúmeros sinais emocionais e isto faz com que sintam as emoções não explícitas de uma pessoa ou de um grupo. São capazes de ouvir com atenção e de compreender a perspectiva do outro. Um indivíduo dotado de empatia não terá dificuldades para entender-se com pessoas de meios diversos e de outras culturas. Dessa forma, o educador torna possível a afetividade positiva, compreendendo a diversidade contida em seus alunos e favorecendo o “cruzamento de culturas” (PÉREZ GÓMEZ, 2000, *apud* MATTOS, 2012, p. 228)

No artigo nº6, o professor é visto como um objeto de transferência do saber, substituindo as figuras parentais, eles acabam sendo idealizados e vistos como figuras de poder. Freud (1914, *apud* MARIOTTO, 2017, p.4) nos mostra de modo quase poético essa questão: No fundo, sentíamos grande afeição por eles, se nos davam algum fundamento para ela, embora não possamos dizer quantos se davam conta disso. Estávamos, desde o princípio, igualmente inclinados a amá-los e a odiá -lós, a criticá-los e a respeitá-los.

5.3 RELAÇÕES AFETIVAS E O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Na pesquisa apresentada no artigo nº 1, os sentimentos foram classificados em positivos e negativos, buscando compreender melhor como os alunos estavam vivenciando as relações na escola.

Considerando a visão espinosana, tanto os sentimentos positivos quanto os negativos evidenciados no material empírico são afecções, ou seja, afetam e provocam modificações nos alunos envolvidos. A percepção dessas mudanças vai aumentar ou diminuir a potência de ação desses alunos. Para Espinosa, uma afecção que aumenta a potência de agir do corpo tem, em paralelo na mente, uma modificação que aumenta a capacidade de pensar. Da mesma forma, o inverso é verdadeiro – o que diminui a potência de ação do corpo diminui também a potência de pensar. Espinosa define que a passagem de uma potência menor para uma maior é o afeto de alegria e o caminho inverso é o afeto de tristeza. O autor estabelece duas grandes categorias para definir os afetos que aumentam ou diminuem a potência de agir e de pensar – alegria e tristeza. (OSTI; TASSONI, 2019, p.9)

Os sentimentos qualificados como positivos potencializam o agir e pensar, em contrapartida os sentimentos negativos diminuem essa potência, buscando trabalhar esse contexto na escola e na aprendizagem. Wallon (1995 *apud* OSTI; TASSONI, 2019, p. 9), “traz contribuições que vão destacar que os sentimentos

positivos provocam um destravamento da atividade cognitiva e que os negativos travam. “

A maneira como o professor interage com seus alunos também é evidente no artigo, ressaltando como essa relação pode afetar no processo de ensino e aprendizagem.

Os sentimentos e emoções produzidos na dinâmica interativa da sala de aula marcaram de maneira significativa a relação dos alunos com o objeto de conhecimento. A intensidade das emoções e sentimentos, agradáveis ou desagradáveis, produzidos nas práticas pedagógicas, possibilita a aproximação ou afastamento dos alunos com o objeto de conhecimento, levando-os a gostar ou não de aprender e de fazer. Da mesma forma, a maneira como cada professor manifestava a sua relação com o objeto de conhecimento, e com a própria docência, produzia sentimentos que aproximavam ou afastavam os alunos do objeto de conhecimento. [...] condições afetivas positivas contribuem para que a atividade cognitiva flua livremente. O contrário disso também é verdadeiro. Ou seja, condições afetivas negativas desorganizam os processos cognitivos. (TASSONI 2008, *apud* OSTI; TASSONI, 2019 p. 14).

Os resultados apresentados durante a pesquisa realizada possibilitaram a observação de situações onde os docentes tratam alguns alunos - especialmente os meninos - de forma grosseira, o que acaba tendo influência direta na aprendizagem dos mesmos, os levando a desenvolver sentimentos mais negativos do que as meninas. Quando comparado a relação do desempenho entre meninos e meninas na escola, percebe-se que as meninas apresentam um maior desempenho, o que mostra que há uma influência entre o que se sente e o processo de aprendizagem.

O mesmo artigo cita uma pesquisa com o mesmo objetivo, porém com um caráter mundial, evidenciando que o desempenho dos alunos possui grande relação com as vivências escolares, sendo elas positivas ou não.

a Organization for Economic Co-operation and Development (OECD) (2013) averiguou que em 48 países os estudantes que apresentaram melhor desempenho tinham atitudes mais positivas com relação à escola do que os com desempenho mais baixo. E que em 28 dos 65 países participantes, as meninas tenderam a demonstrar atitudes mais positivas com relação à escola do que os meninos. O relatório finaliza afirmando que as percepções dos estudantes com relação à escola e seu desempenho reforçam-se mutuamente, o que significa que as vivências escolares afetam a experiência individual do aluno em relação à sua aprendizagem. (OSTI; TASSONI, 2019 p.12)

O artigo nº2, resultado de um trabalho baseado na observação do trabalho com bebês, concluiu que durante as experiências vivenciadas, pode-se observar que as aprendizagens acontecem e são marcadas principalmente pela troca de afetos.

As aprendizagens vão acontecendo permeadas pelas relações dialógicas e afetivas, ainda que essas experiências não envolvam os modelos tradicionalmente pensados para a escola como ensinar de modo transmissivo, “dar” conhecimento ou instruir. Ao invés destes termos, talvez os verbos mais indicados para ação pedagógica com os pequenos sejam oferecer, trocar, dialogar (seja com o corpo ou com a fala verbal), propor, esperar, encorajar, garantir, observar, dentre tantos outros que expressem uma intencionalidade educativa respeitosa e conhecedora das especificidades da pedagogia na primeira infância. (GUIMARÃES; ARENARI, 2018, p. 17)

No artigo nº 3, o educar é visto como aquele que pode possibilitar condições para que a sensibilidade aconteça, “tornando os educandos abertos e receptivos ao que se tem para compartilhar.” (LOOS-SANT’ANA; BARBOSA, 2017, p. 450). Assim como no artigo nº1, a interferência que a relação afetiva pode causar na aprendizagem se mostrou presente em diferentes formas de representação durante a pesquisa, seja através de desenhos, conversas e falas das próprias crianças.

Algumas crianças representaram a relação entre a atenção da professora com os alunos e a aprendizagem escolar. Isso pôde ser constatado quando elas se referiram, por exemplo, a: “O que fazia com que o menino aprendesse bem as coisas”. Expressou M.: “A professora explicava; atenção da professora com os alunos” (M.). Ao mesmo tempo, uma das crianças supôs que “o menino que não aprendia bem as coisas” tinha uma professora que “aconselhava seus alunos bons e os ruins não”, por isso ele não aprendia. Pode-se perceber que a “atenção” e o “conselho” da professora são fatores que, para eles, determinam a aprendizagem. Para outra criança, a atitude da professora diante do menino que não aprendia bem as coisas deveria ser a de “ajudar”, “conversar”, “convencê-lo”, para que ele prestasse atenção e não se prejudicasse: “Ele não queria nada, só bagunça, festa; a professora o ajudou conversando, convencendo-o a prestar atenção para não se prejudicar” (M.) (LOOS-SANT’ANA; BARBOSA, 2017, p. 453)

Além disso, as qualidades afetivas que as crianças atribuíam às professoras eram enlaçadas com as de cunho cognitivo. “A frase dita por uma menina –“ela me faz ser estudiosa”– representa o efeito de tal enlace afetivo-

cognitivo na relação pedagógica (...)” (LOOS-SANT’ANA; BARBOSA, 2017, p. 455).

Em alguns depoimentos, havia uma explícita relação entre as representações afetivas do professor com a aprendizagem dos alunos: “Se ele [o professor] não gosta do aluno, não ensina direito; se gosta, o aluno aprende por causa do afeto” (D.). ” (LOOS-SANT’ANA; BARBOSA, 2017, p. 456).

No mesmo artigo, um espaço foi direcionado para o caso de um dos alunos entrevistados, pensando na preservação do aluno, o autor denominou o aluno entrevistado no artigo como G. Durante o relato pode-se perceber como a importância, preocupação e atenção que a professora teve com esse aluno foi algo fundamental para a melhora no desenvolvimento dele, tanto no comportamento como no rendimento do aluno.

O aluno traz em seu relato experiências vivenciadas por ele na escola. Em um desenho desenvolvido por ele há um soco-inglês que ele já havia levado para a escola. Durante o trabalho pode-se perceber a preocupação que a professora tinha em relação a esse lado do aluno, ele sempre foi visto pela escola como um aluno violento e “problemático”.

Recentemente, foi diagnosticado com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Sua professora se envolveu em projetos pedagógicos dirigidos a crianças com diagnóstico de TDAH durante todo o ano. O trabalho com G. é considerado pela própria professora, pela equipe pedagógica e pelos demais colegas de docência um exemplo de sucesso. Esse aluno tinha muitas defasagens na aprendizagem, desinteresse, faltava muito às aulas, nunca fazia as tarefas, nem mesmo ficava na sala de aula nos anos anteriores. (LOOS-SANT’ANA; BARBOSA, 2017, p. 462)

No decorrer do ano letivo em questão, o aluno apresentou um progresso, tanto no seu processo de aprendizagem, como em suas atitudes, comportamento e relacionamento com as outras crianças. Ao que se pode observar, essa evolução está relacionada com a forma como está professora pôde se relacionar com ele.

Isso aparece refletido também em suas respostas aos instrumentos de pesquisa. Um olhar para suas produções traz, nas histórias para

completar, por exemplo, que “o menino pensava em como ele podia fazer para melhorar na aula”, o que parece ter se tornado uma questão para G. Durante algumas observações em classe, feitas pela pesquisadora previamente ao início formal da coleta de dados, a professora comentou sobre seus progressos, em tom de incentivo. Outras vezes essa temática veio à tona ao longo do percurso com os instrumentos de pesquisa, quando, por exemplo, “a professora desejava que o aluno melhorasse” e “estava feliz porque ele tirou um A”. O “menino que não aprendia bem as coisas” era “hiperativo” como ele. “O pai e a mãe não sabiam” e foi a professora quem falou com o pai para levá-lo a uma psicóloga e “ver o que estava acontecendo”. Já o “menino que aprendia bem as coisas” “era inteligente”, atributo com que ele gosta de ser elogiado. Talvez isso o autorize, simbolicamente, a empreender esforços para ser um aluno “melhor”. (LOOS-SANT’ANA; BARBOSA, 2017, p. 462)

Durante a pesquisa ficou visível as representações do desejo de ensinar, aprender, e a preocupação que a professora tinha com seus alunos. No relato de G. houve várias representações de afeto, atenção e ajuda “significativamente em seu discurso: Ela me ajudou, conversou com meus pais e dava dicas para acertar a lição. Eles [os professores] sabem explicar, conversam ao invés de brigar, quando estamos fazendo coisa errada” (LOOS-SANT’ANA; BARBOSA, 2017, p. 463).

O artigo nº 4, “Investigando as interações em sala de aula: Wallon e as vinculações afetivas entre crianças de cinco anos”, traz que a qualidade das interações desenvolvidas no espaço da sala de aula pode contribuir para o desenvolvimento pleno das capacidades dos alunos, sendo elas: cognitivas, afetivas ou motoras. Os aspectos afetivos e emocionais que intensificam a relação entre o professor e aluno são vistos como alicerces para a construção do conhecimento. O artigo contou com uma pesquisa do cunho qualitativo, realizada com professoras e 24 alunos de uma turma da Educação Infantil, na faixa etária dos cinco anos, onde as crianças que se encontram no estágio do personalismo, de acordo com Wallon. Cinco tipos de instrumentos foram utilizados: desenhos com relatos; emocionômetro (instrumento que auxilia as crianças a verbalizarem as emoções resultantes de situações do cotidiano); jogo Gira-Gira; filmagens livres; autoscopia.

Segundo Wallon, os três campos funcionais – afetivo, motor, cognitivo – funcionam de forma integrada, havendo uma alternância entre o campo da

afetividade e o do campo da cognição, essa alternância acontece sem excluir a presença de conjuntos não dominantes.

Entre as atividades propostas pelas pesquisadoras estava o jogo gira-gira, onde durante a observação foi possível verificar a importância que a qualidade nas interações possui para que haja um engajamento nas atividades de aprendizagem, buscando realizar a atividade de uma melhor forma o jogo despertou o espírito de coletividade, onde o grupo que possuía um líder ganhou destaque em relação ao outro grupo onde todos pareciam dispersos, mostrando a importância que um elemento incentivador tem no momento da realização de atividades.

No 5º artigo, os autores trazem Vygotsky dizendo que quando se faz algo com alegria é possível ter êxito naquilo que se faz, e quando se faz algo com aversão, quem o está fazendo procura interrompê-lo a qualquer custo. Além disso, o artigo traz que a emoção e o sentimento são algo que afetam o nosso sistema psicológico pela mediação das intersubjetividades.

Comprovando que as inter-relações sociais interferem nas ações, reações e decisões configuradas pelas mediações estabelecidas no processo vivido cotidianamente. Na teoria de Wallon (1995, 2007), a dimensão afetiva é enfatizada de maneira significativa para a construção da pessoa e do conhecimento. (MATTOS, 2012, p. 225)

Ainda no artigo nº5, os aspectos cognitivos e afetivos ao mesmo tempo que possuem uma certa oposição, eles se complementam. Para abordar melhor esta questão, os autores trazem Paulo Freire

Freire (2005, p. 29) nos fala que “não há educação sem amor” e “quem não ama não compreende o próximo”, o que justifica a busca da inclusão pela afetividade no cotidiano escolar. Pode-se, ainda, afirmar que “sem vínculo, o amor não cresce, [...]. Não creia em manuais mágicos na educação. Creia na sensibilidade.” (CURY, 2001, p. 23). Portanto, a afetividade precisa estar presente em todos os momentos na sala de aula para efetivar a inclusão em educação. (MATTOS, 2012, p. 224)

O artigo nº 5 traz que quando um indivíduo desenvolve empatia pelo outro, o processo de ensino e aprendizagem flui melhor, uma vez que a pessoa se coloca no lugar do outro e entende seus sentimentos e emoções.

De acordo com Mattos (2012), a afetividade é vista como uma mediadora entre a aprendizagem e os relacionamentos em sala de aula, auxiliando na inclusão do educando na escola, entendendo as especificidades de cada um, diferença no modo de viver, realidade social, cultural, diferença em seus complexos comportamentos, fazendo entender que a permanência do aluno na escola depende da aceitação, motivação e autoconfiança que ele possui pelo ambiente escolar. Esses fatores podem facilitar e ajudar a permanência do aluno na escola, além de auxiliar na sua aprendizagem.

O domínio afetivo possibilita o desenvolvimento das relações afetivas, permitindo que acontecimentos exteriores – quando positivos – dirijam o comportamento dos educandos, para que assumam o compromisso com a sua aprendizagem. A gestão da afetividade positiva proporciona prazer e alegria, bem como predispõe a reagir, em diferentes situações, adequadamente. (MATTOS, 2012, p.226 - 227)

Quando se tem uma atividade afetiva presente, o educando se volta para si, podendo desenvolver sua inteligência emocional, favorecendo o desenvolvimento da atenção, motivação, engajamento e o interesse em aprender.

O artigo nº 6, “Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de transferência e discurso”, aborda mais sobre a questão psicológica da relação professor-aluno, aprendizagem e a forma como a afetividade pode gerenciar essa troca. Os autores trazem o educativo como uma passagem da pura satisfação para um universo simbólico, introduzindo o sujeito ao “civilizado”.

Para Freud, educar é transferir um legado de pai para filho. Partindo da suposição de que a relação pedagógica está implícita na relação humana, a educação se desenvolve muito mais pelo laço que se estabelece do que pelo conhecimento adquirido que expressamos ao outro. Nesse sentido, pensar a educação no âmbito do enlaçamento que um faz com o outro exige introduzir a subjetividade num campo em que o saber fazer normalmente se sobrepõe ao saber ser. (MARIOTTO, 2017, p. 37).

Mariotto (2017), aborda a educação em diversos pontos de vistas e em diferentes discursos, como os mesmos não fazem parte dos objetivos deste trabalho não houve necessidade em abordá-los. Algo considerado como relevante para o objetivo desta pesquisa é que a autora traz que o aprender

supõe sempre o aprender com alguém, e esse que ensina sempre é colocado pelo aluno numa posição que pode ou não proporcionar a aprendizagem, uma vez que o lugar que o aluno o coloca não é apenas o daquele que ensina, mas na verdade de forma inconsciente este aluno está determinando o lugar que o educador vai ocupar como uma tela, onde é depositada suas projeções alheias a ele quanto pessoa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender e discutir a importância da afetividade na relação professor-aluno e seu impacto na aprendizagem, através de uma revisão bibliográfica. As obras selecionadas também contribuíram para os objetivos específicos, trazendo a importância da afetividade nas relações humanas, descrevendo o papel do educador e analisando a forma como as relações afetivas interferem no processo de aprendizagem.

Quando se fala na palavra afetividade dificilmente se consegue formular um significado único, uma vez que é algo construído através dos nossos relacionamentos. Como embasamento para desenvolvimento do tema, as ideias iniciais foram fundamentadas nos seguintes autores: Wallon e Vygotski.

Vygotski, traz o afeto como um elemento básico da afetividade humana, podendo ser algo negativo ou positivo, dependendo da relação com que se tem com o outro. Enquanto Wallon, traz a afetividade relacionada ao movimento, personalidade, e a capacidade cognitiva, onde um está interligado ao outro, sendo algo primordial para a formação humana.

A afetividade no ambiente escolar também se dá no acolher, no ouvir a criança e as suas necessidades. No saber se colocar no lugar do outro, respeitando sua história de vida e individualidade, fazendo com que a criança se sinta protagonista no seu processo de ensino e aprendizagem.

Através do levantamento realizado com os artigos, pode-se concluir que a afetividade é algo que contribui e deveria estar presente de forma concreta nos relacionamentos humanos, principalmente na relação professor-aluno. Sendo abordada não apenas por Wallon e Vygotski, mas diversos outros autores como Piaget, esse tema é tratado por cada autor de acordo com seus ideais, trazendo em suas obras a importância que o afeto possui no desenvolvimento. Quando se fala em afeto, diferentes significados podem ser atribuídos, tais como: sentimentos, emoções, capacidade de relacionar com o mundo, com o outro, e o que essa troca pode gerar em cada indivíduo.

No que diz respeito ao papel do educador, pode-se concluir, com base nos artigos analisados, que há necessidade de realizar um trabalho com excelência, o mesmo deve ter uma intencionalidade e planejamento naquilo que se deseja trabalhar, ressaltando a importância da questão afetiva. Muitas das crianças se espelham nos educadores, quanto maior for o vínculo e afeto, melhor se dá essa relação. Os professores muitas vezes são vistos como orientadores, amigos e substituem as figuras parentais. Ao mesmo tempo, podem se constituir como figuras que representam medos e marcas difíceis de se superar, quando essa afetividade tem contornos negativos.

Durante as pesquisas realizadas nos artigos explorados, ficou evidente que as relações entre professor e aluno acabam implicando no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Quanto mais positiva é a relação, maior é o desenvolvimento deles, o mesmo ocorre quando a relação é negativa, o aluno acaba por criar uma barreira contra aquilo que está sendo transmitido para ele.

Um grande exemplo dessa implicação está no artigo nº3, onde determinado aluno entrevistado era visto como um problema na escola, ele já havia ganhado esse rótulo no ambiente. Concluiu esse trabalho apontando a necessidade de outros estudos aprofundados sobre o tema, e de que a afetividade seja melhor abordada nos cursos de formação de professores como na Pedagogia.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, M.P; DIEZ, C.L.F; ROSA, G. A; MARCON, S. B.W. Alegria e Amorosidade como estratégias de resistência para renovar a educação. **Intermeio: revista de programa de Pós-graduação em educação**. Campo Grande – MS, v. 25, n. 49, 2019.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BEZERRA, R. J. L. Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. **Revista Didática Sistemica**, Rio Grande do Norte, v.4, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018. Disponível em: <[https:// http://basenacionalcomum.mec.gov.br/](https://basenacionalcomum.mec.gov.br/)>. Acesso em: 11/06/2021.
- FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/afetividade/>>. Acesso em: 05/04/2021.
- GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Livro Editora, Brasília, 2007.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUIMARÃES, D.; E ARENARI, R. Na creche, cuidados corporais, afetividade e dialogia. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 34, e. 186909, 2018.
- LOOS-SANT'ANA, H.; BARBOSA, P. M. R. Dando voz às crianças: percepções acerca do papel da dimensão afetiva na atividade pedagógica. **Revista Brasileira Estudos da Pedagogia**, Brasília, v. 98, n. 249, p. 446 - 466, maio/ago, 2017.
- LOOS-SANT'ANA, H.; GASPARIM, L. Investigando as interações em sala de aula: Wallon e as vinculações afetivas entre crianças de cinco anos. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 29, n. 03, p. 199 - 230 , set. 2013.
- MARIOTTO, R. M. M. Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de transferência e discurso. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 64, p. 35 – 48, 2017.
- MATTOS, S. M. N. Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 44, p. 217-233, 2012.
- MEDEIROS, M. F. O papel da afetividade na relação professor e aluno e suas implicações na aprendizagem. **Revista on Line De Política E Gestão Educacional**, Araraquara, p. 1165–1178, 2017.

MOSQUERA M., JUAN J.; DIETER STOBÄUS, C. Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. XXIX, n. 1, p. 123-133, janeiro-abril, 2006.

OSTI, A.; TASSONI, E. C. M. Afetividade percebida e sentida: representações de alunos do ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 174, p. 204-220, out./dez, 2019.

PAULA, S. R.; FARIA, M.A. Afetividade na Aprendizagem. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v. 1, n. 1, 2010.

POZZEBON, P. M. G. Projeto de Pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso. **Série Acadêmica**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 53- 61, 1994.

SANTOS, F.; RUBIO, J, D. A.S. Afetividade: Abordagem no Desenvolvimento da Aprendizagem no Ensino Fundamental - Uma Contribuição Teórica. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, [s.//], v. 3, n.1, 2012.

STACCIOLI, G. **Diário do acolhimento na escola da infância/** Gianfranco Staccili; tradução (do italiano) Fernanda Ortale & Ilse Paschoal Moreira. - Campinas, SP : Autores Associados, 2013.

YIN, R. K. **Compreendendo a pesquisa qualitativa.** Pesquisa qualitativa do início ao fim. Porto Alegre: Penso, 2016.